

J. 101FH

COMPRA

OS NOSSOS

Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Segunda-feira
 10 DE FEVEREIRO DE 1908

Condições d'assignatura
 (Pagamento adiantado)

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

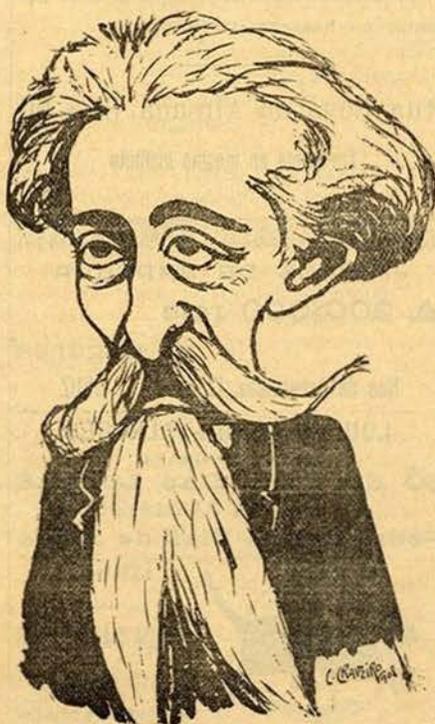
SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincia..... 300 rs
 Colonias..... 400 •
 Brazil (moeda forte)..... 900 •

Tiragem 6.000 exemplares.

OS NOSSOS

Bulhão Pato

Pedimos aos Ex.^{mos} Srs. Agentes da provincia, que ainda não satisfizeram os seus debitos da 1.ª Serie a fineza de o fazerem com urgencia, afim de não lhe serem cortadas as novas remessas.



Pedimos aos Ex.^{mos} Srs. Agentes da provincia, que ainda não satisfizeram os seus debitos da 1.ª Serie a fineza de o fazerem com urgencia, afim de não lhe serem cortadas as novas remessas.

Como estrella a rebrilhar,
 No céu das letras gravita,
 Esta Reliquia sem par;
 Já branca como o luar,
 O excelso auctor da «Paqueta»

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO
COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

ARMAZEM DE MUSICA E INSTRUMENTOS
DE
Joaquim José d'Almeida
Rua José Antonio Serrano, 34 — LISBOA
(Antiga C. do Collegio)
Vendas d'instrumentos, accessorios e musicas a prestações mensues.

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clinica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
T. LEPH. NE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo. **L. M. LILLY**, succesor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brinde, desde 1.000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

PIANOS
A. NASCIMENTO
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos e encordoções para pianos e harpas, etc., etc.
TRABALHOS GARANTIDOS
Travessa aa Bica, 5 (ao Intendente)
LISBOA

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionais e estrangeiras, reccituario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brinde



DICYCLETAS INGLEZAS
VENDAS A PRESTAÇÕES

CASA VELO-PORTUGAL
J. de COSTA BRAGA-21 RUA MARIA 23 LISBOA
BICYCLETAS DAS MAIS MODERNAS AS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS BASTANTE AVANÇADOS E DEBILITADOS
SUCCORSAL DE ENFIM E ALGUEIRA-PRACA PARRICHO FALBOUROS CAMPO GRANDE

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR

A bicycleta ingleza. de 1.º ordem que, sob a denominação de **"VELO-PORTUGAL"** vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impozse de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore. Ninguém imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introduztor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenas d'imitadores. Quem visitar a Exposição **«Velo-Portugal»** ficará verdadeiramente surprehendido.

Solicita-se com cordial empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vér mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa. Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa **«Velo-Portugal»** ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubémos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

Bicycletas das mais modestas as de maior luxo por preços razoaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita á ordem e economia. De re to todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preço fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferéncia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espathafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por metros, e nada mais.

COMPRA



CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
10 DE FEVEREIRO DE 1908
NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs
Colonias 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »

Tiragem 6.000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



uma epoca em que as luctas politicas tinham attigido, no palavriado dos artigos de fundo e nos *sultos*, a agudeza extrema e, os adjectivos, começavam a exgotar-se, tanto do lado dos periodistas governamentaes como dos que representavam a opposição, deu-se uma noite um caso interessante que, desconhecido, certamente, da geração moderna, talvez possa ser aproveitado pelos colleccionadores da actualidade.

Publicava-se então um diario intitulado *O Portuguez* e era redigido na maior parte pelo seu director politico conhecido pelo *Tanas*, mas cujo appellido era Rodrigues. Jornalista dos mais habeis, escriptôr vernaculo e fluente, polemista terrivel, os seus artigos politicos tinham incommodado mais d'uma vez o ministerio e *O Portuguez* era sempre lido com interesse.

Já lá vão mais de quarenta annos, e os jornalistas d'aquelle tempo, discutiam os actos do governo com tanta logica e seriedade que mais d'uma vez forçaram a queda dos ministerios.

Era uma pleiade que, pouco a pouco, foi desaparecendo; nem um

só resta já, mas está ainda na memoria de todos a belleza da fórma, a força da logica, a pureza da lingua-gem, o conceituoso da argumentação.

Precisamente quando se dispunha a queimar os ultimos cartuchos para derrubar o governo que já se confessava ábalado, uma noite, eram 2 horas da madrugada, faltava o artigo de fundo. O jornal, paginado e prompto para entrar no prelo, tinha a primeira columna em branco, pois era costume reserva-la para o artigo politico; mas o director sem apparecer, e o chefe da composição afflicto.

De repente chega e apenas lhe senti-u os passos, entra pela redacção e exclama:

— E o artigo de fundo?

— O artigo de fundo? Diabos levem o artigo de fundo, de todo me esqueceu.

— São duas horas, o sr. Rodrigues escreve e vae-se compondo, é um instante. Basta uma columna.

— Ora, meu amigo, a estas horas... Não estou para isso, não escrevo nada.

— Mas então a columna hade ir em branco?

— Arranje-se lá como poder.

— Mas tenho que paginar outra vez, sr. Rodrigues, a que horas vae isso deitar. E' só uma columna.

— Não tenho assumpto, estou exgotado, não escrevo, já disse.

O chefe da composição não replicou, baixou a cabeça e saiu do gabinete. Quando já ia no corredor, o celebre *Tanas* levantou-se, foi á porta e disse lhe:

— Olhe, lembrou-me agora uma solução.

— Diga, sr. Rodrigues.

— Componha em letra grande, de modo a occupar a columna de cima a baixo: **Isto só a páo!**

O chefe da composição sorriu, foi

para a officina e na manhã seguinte o artigo de fundo do *Portuguez* causava a mais extraordinaria das sensações.

Todos os periodicos do tempo se referiram ás quatro palavras que haviam enchido a columna destinada a mais um artigo do insigne polemista, a opposição exultou, os governamentaes estupiram e, o governo estremeceu. Convenceu-se de que os seus dias de poder estavam contados e assim foi.

Ora caso similhamte se deu agora comigo.

— O chá e torradas, sr. João Pacifico, o chá e torradas, não falta mais nada e o *Azulejos* vae para a machina.

— Não tenho assumpto; vá para o diabo.

— Mas então a primeira pagina hade ir em branco?

— Não quero saber disso; ponha-lhe um boneco qualquer.

— Para a primeira pagina?...

— Sim, então que tem isso, já lhe disse que não escrevo nem uma palavra.

— Mas...

— Pagine outra vez, arranje-se como poder, não faço nada.

Mas o *Azulejos* estava entalado e não gosto nunca de entalar os meus amigos.

Pensei e disse com os meus botões, vamos a isto e chamando o paginador:

— Olhe, sr. Oliveira, mande alli ao café e diga que me tragam uma torrada e chá bemquentinho, offereça esse mimo aos leitores e diga-lhes: O sr. João Pacifico tem uma dôr de frente dos joelhos, vae dar uma fomentação com *emborcation* e pede desculpa da sua falta.

JOÃO PACIFICO.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

— Oh! uma escola de cosinheiras! Deve sêr uma das mais admiraveis curiosidades desta cidade de Boston, uma das mais notaveis povoações dos Estados Unidos!

Não posso deixar de visitar tal instituto.

E fui!

A escola fundou-se da seguinte maneira: uma dama *qualquer*, alugou uns quartos num predio *qualquer*, mandou imprimir prospectos luxuosos em *simili-papel* de Holanda e... pronto, eis a escola funcionando. A presidente, *miss Farmer*, é uma mulher de, pouco mais ou menos, quarenta annos, lésta, viva, loira, portadora duma brilhantissima lunêta d'ouro cavalgando-lhe magestosamente o nariz. Cobre-lhe a rutilante côma uma elegante e bem collocada coifa de renda, veste com excepcional gentileza um traje de *pi-qué* branco sôbre o qual assenta maravilhosamente um avental da mesma côr. Leva a amabilidade a explicar-me a organização do Instituto que é, na verdade, simplissima.

Todos os annos chegam a Boston, emigrantes da Irlanda, muitas raparigas que nada sabem fazer mas, que desejam ganhar a vida, encontrar collocações. Nada mais facil! Pagam três ou quatro *dollars* a *miss Farmer*, esta admite-as na sua *cosinha-escola*, e dôse dias depois, saem de lá cosinheiras de primeira ordem!

Além do curso propriamente culinário, ensina-se-lhes tambem a pôr e levantar a mēsa, limpá-la de migalhas, aproveitamento d'estas e... a melhor maneira de conservar acceidos os dentes e as unhas e de pentear-se séria e convenientemente, como é proprio de uma criada decente.

Mas, não foi só para as Irlandêsas que o Instituto se creou; o seu principal fim é ensinar ás meninas da classe média norte-americana, como se cosinha e como uma bôa dôna de casa deve cuidar do seu *home*. Estas meninas frequentam as aulas por grupos de oito, constituindo, cada grupo, uma classe. Pagam um *dollar* ou *dollar* e meio por lição. Ha seis cursos, de dês lições cada um.

Assim que entram no edificio põem coifa e avental e, segundo me pareceu, divertem-se immenso com esta mudança de *toilette*.

— Não ha menina alguma desta terra, disse-me *miss Farmer*, que, depois de pedida em casamento, não venha *fazer o curso*. Olhe para ellas,

observe a sem cerimonia com que picam cebôla, descascam batatas ou estendem massa folhada. Preparam o *lunch* e cada uma, por seu turno, o serve ás demais que o *papam* com muito prazer. Repare bem, não pode havêr melhor maneira d'aprender.

— São pois, senão me engano, exclamei, sessenta lições; diga-me *Miss Farmer*, as suas discipulas acabam todas o curso, não o abandonam a meio caminho?

— A maior parte vae até ao fim; poucas desertam. E' que, teem muito que aprender! No primeiro curso ensina-se-lhes 'a acender' o lume, a servirem-se dos fogareiros e fogões de gaz e electricos, descascar e cozer batatas, batêr e cosinhar ovos, cosêr pão, assar maçãs, filtrar café, fazer sôpas simples e leves, preparar alguns puddings e sabêr dar-lhes a conta de fôrno. O segundo e o terceiro curso são exclusivamente reservados á cosinha mais complicada.

No quarto ensinam-se a preparar certos pratos especiaes de grandissima difficuldade; saladas, mayonaises e o estudo teórico e pratico das sobremēsas simples, mixtas, indigenas e estrangeiras. O quinto curso é dedicado ao serviço de mēsa; para mandar fazer é necessario saber executar: é por isso que as minhas alunas sabem perfeitamente limpar a mēsa, encerar o sobrado, varrer, limpar o pó, dar fôrmas elegantes ás bôlas de manteiga, arrumar pratos, chavenas e copos nas guarda loiças, pulir as pratas, ornamentar as mēsas para qualquer especie de serviços de almoço ou de jantar, fazer chá á inglêsa ou á russa, servir os convidados, tratar das sorveteiras, preparar *sandwiches*, escolher vinhos e licôres; numa palavra, conhecem os mais reconditos misterios dos serviços culinarios dos principaes paizes.

— E' espantoso e admiravel mas, ha, se não me iludo, o sexto curso.

— Ah! sim, esquecia-me falar-lhe d'elle. Constitue a cosinha para doentes. Costumam ir com as pequenas aos hospitaes onde a benevolencia dos clinicos lhes mostra como se servem os enfermos e os cosinheiros lhes dizem como se preparam as diétas. Ha ainda um pequêno curso de compras.

— A aula é no mercado...

— Está claro!...

JULES HURET.

Pensamentos

O soffrimento é um hospede importuno a quem devemos tratar com todo o respeito, attendendo ás lições que d'elle recebemos.

TOEPPER

O que perdôa de boa-fé, sinceramente e sem reserva, esse sim, é o verdadeiro caridoso

BOURDALOUE

ESPIRITISMO

Alem Tumulo

Comunicação atribuida
ao espirito de EMILIO ZOLA

(Continuação)

Zola abandonou a prêsa. Tumultuosos pensamentos o agitaram!

Era pois verdade...essa coisa... essa enormidade... a morte, emfim... não era a morte... o *nada* era apênas um contrasenso, sim, um contrasenso, porque o pensamento inteligente, produtor, criadôr, continuava existindo. Nascêr, morrer, renascêr, é pois a lei fatal, comum a todos os homens? Pois quê? Esses fanaticos de Lourdes, cuja fé inquietante e houvêra feito sorrir... esses ingenuos espiritualistas a quem elle, Zola, alcunhára de *idealistas*... esses *simples* de toda a parte do mundo que, dêsde tempos imemoriaes, acreditaram na immortalidade da alma... estavam mais perto da verdade do que elle, filósofo, estudioso, pensadôr?

De que lhe servira pois aquêla vida inteira, replêta de pesquisas e labôres?

Trilho e estrada da mais cruel decepção!

Cruel, sim, porque, se Zola amára o trabalho com o apaixonado aneio de amante dedicado, fôra para obedecêr á lei que lhe dominava o pensamento: «é necessario que o homem, durante a vida, seja uma força produtora, porque a morte é o aniquilamento final e eterno».

E eis que, num momento, se desmorona o edificio e a lei formulada e tida como necessaria, se esvae como um sonho ao alvorocêr do dia.

Porque a vida é eterna!

Porque conserva em si, na sua propria essencia, os três grandes principios da vitalidade: *amor, trabalho, soffrimento!*

Oh! o trabalho não assusta Zola; essa necessidade da vida humana, foi sempre para o romancista um caudal de gôsos e prazer; mas o amôr... o amôr que é causa do soffrimento? E o soffrimento? O soffrimento que ainda é mais atroz quando não reconhece o amôr por causa?... Sim, sim... Zola compreende... amor, soffrimento... fataes, necessarios, caminhando de braço dado com o trabalho atravez do espaço infinito e do tempo eterno.

E como este pensamento lhe illuminasse a rasão, Zola sentiu uma como piedade enorme invadir-lhe a alma.

.....

A noite apoderou-se, pouco a pouco, do quarto mortuario. Ao clarão vacilante dos lampadarios, via-se o cadaver, colorindo-se progressivamente de livôres; as feições mudavam d'aspecto a cada momento.

Perante a rigidez implacável da Morte, Zola fez um movimento em que transparecia a raiva.

Horrível! Estar vivo e não poder manifestar a sua presença ás pessoas que o rodeavam! Não poder provar-lhes que não estava morto!

Um dia virá, no entanto, em que esses que olham sem o verem, terão as mesmas surpresas, experimentarão as mesmas angústias.

Horrível! Pensar serenamente, sabêr a verdade e não poder revelá-la.

Zola afastou-se do leito funerario. Queria agora conhecêr esse dominio dos Espiritos, completamente desconhecido para elle, mundo que radicalmente negára durante a vida terrestre.

Fez um esforço e, sem mêsmo sabêr como, encontrou-se no astral.

A principio nada pode distinguir, em virtude da brilhante claridade que quasi o cegou. Pouco a pouco, porém, foi-se a vista, acostumando áquêle intenso brilho e, momentos depois, Zola pode vêr com aquella agudeza de vista com a intensidade de observação com que descobriu, viu e analisou o *Germinal*.

Mas, ao espriar a vista por tudo que o rodeava, um imenso desanimo lhe avassalou de nôvo o espirito. Desanimo de escritôr, de romancista, de autôr!

Com effeito, onde buscar uma pena, por mais habil que fôsse, capaz de descrevêr o indiscreto.

Deslumbravam-lhe os olhos as mais assombrosas maravilhas.

(Continúa)



O Crime

"Dellard"

GORON

(Continuação)

V

Quatro horas da tarde: meti-me n'um *coupé* com Anastay e mandei batêr para o boulevard do Templo 42.

Preparára as coisas de modo a podêr fazer a reconstituição do crime no logar onde fôra cometido e o confronto solêrne com as testemunhas que imaginei, poderiam reconhecêr o assassino.

Delfina Houbre saíra essa manhã do hospital, muito fraca e contravontade dos me-

Mascaras illustres



Casal Ribeiro

dicos, afim de acompanhar á ultima morada os restos mortaes da desventurada ama.

Esta rapariga caía-me n'esta occasião como a sôpa no mel.

Reconheceria ella em Anastay o miseravel, que tão cobardemente a ferira?

Durante a violenta mas curta lucta que sustentára como assassino, teria tido tempo de fixar na memoria a fisionomia d'elle? Quem sabe? De mais a mais, o candieiro despedaçara-se no chão e foi nas trévas que o infame a esfaqueára!

Dellard, o filho da morta, prometêra-me tambem estar, ás quatro horas e meia, em casa de sua mãe.

Obrigáramos Anastay a pôr na cabeça um chapêu alto, fino e a vestir o supracitado casaco azul com riscas em diagonal. De resto, o accusado, prestou-se a tudo com a melhor das boas vontades.

Em primeiro logar fizemol-o entrar no cubiculo da porteira; esta não o reconheceu e disse:

«O outro, o assassino, o que me falou, era mais delgado do que este sr.»

Em seguida Anastay subiu ao segundo andar, e bateu á porta de M. H. . . , como fizêra o assassino; Lina Berl, criada da casa, veio abrir, exactamente como no dia do crime.

Anastay, sem se mostrar comovido, sem objecção alguma, repetiu então todas as palavras qua eu e o juiz d'instrucção lhe soprámos.

«A sr.ª baronêsa Dellard?» disse em voz alta.

«E' no andar de baixo,» respondeu a criada e, em seguida voltando-se para nós, acrescentou: «a voz parece-se effectivamente com a do homem que matou a sr.ª baronêsa mas, em absoluto, não posso garantir que sêja o «mêsmo individuo, porque, no dia do crime, a escada estava escura; o leitio, é o mêsmo. O casaco então... é irmãozinho do «outro.»

Depois d'esta careação conduzimos Anastay á casa de jantar da falecida M.ª Dellard. Quando entrou, o accusado recuou estupefacto: diante d'elle estava Delfina Houbre; a desventurada que Anastay, de certo, julgava ainda hospitalisada.

O reconhecimento foi rapido e absolutamente completo.

Delfina Houbre mal o olhou: agitou-lhe todo o corpo um grande estremecimento nervoso e exclamou gritando:

«E' elle... o assassino... o monstro... prendam-no... quer matar-me... serrarme o pescoço...»

Tin.a-me farto de recomendar aos agentes por quem mandára buscar a Delfina que nada lhe dissessem a respeito do que ia acon-

tecer, tenho porem quase a certeza que os meus *surões* não puderam eximir-se á tentação, tanto era o interêsse que tôdos tomávamos por este crime, de dizer á rapariga:

«Menina Houbre, até que emfim apaixonámos o mêlo! Vae vêl o d'aqui a instantes.

Fôsse como fôsse, Delfina, como se viu, reconheceu-o immediatamente e a scêna descrita têve, em verdade, uma grande intensidade dramatica. Anastay, depois de ouvir as palavras da criada, fez-se horrivelmente pallido mas respondeu socegadoamente:

«A sr.ª está enganada. Não sou a pês-soa que julga.

«Não, não me engano,» exclamou Delfina, presa de extraordinaria exaltação, «miseravel, foste tu que mataste a s.ª baronêsa e que quizeste assassinar-me depois

Anastay encolheu os hombros e respondeu em tom colerico:

«Vêja'o que diz menina, tenha cuidado com a lingua; não se atira assim, sem mais nem mais com a cabeça dum homem para o cêsto!

(Continúa)

Peña de Talião

Manuel Maria Barbosa du Bocage

(Elmano Sadino)

V

Segue o que tens de côr, mas não praticas, Serás o que não és, o que não foste, Quando das Musas no Almanach (ai triste!) Que a par dos seus irmãos morreu de traça Forjaste de uma freira equorea nympha Chamista d'um Tritão fingido accessa;

Chamaste grande harmonico a Loreno, Ao fuscio trovador, que em apagaio Converteste depois, havendo impado Com tavernal chanfana, alarve almoço

A expensas do coitado oran go-tango, Que uma serpe engordou, sevando Elm ro. Os teus vicios em rosto aos mais nô lances, Tu furia, tu dragão, entornas peste

Por systema, por habito, por genio- Os sete que detraes em que te agravam? Querias par a par subir com elles Nas azas de louvar a ignotos climas?

Que disseras mordaz quando a mimosa, Quando a celeste Catalani exhala Milagres de ternura e de harmonia, Sim que disseras, se, ultrajando a scêna, De rouquenha bandurra um biltre armado

Ante a assembleia extatica impingisse Solfa mazomba, hispanico bolero? Pois isto, ó Zoilo, tão improprio fora Como annexar teu nome aos sete e a outros,

Que do silencio meu não colhem manchas, Nem carecem de mim, por si famosos E ha muito em lyra eterna ao polo erguidos.

Verdade, rectidão, vós sois meus numes! Vê se os adoro, ó Zoilo, eu amo Alcino, Filinto, Coridon, Elpino eu louvo; Todo me apraz. Dorindo, Alfeno em parte; Nas trevas para mim reluz Tomino; Nos genios transcendentés me arrebatô,

Preso alumnos phebêos, despre-o Elmiros. Da alta justiça que mais prova exiges? Tu, que de iniquo e parcial me increpas, Tu, que em vez de razões, opprobrios vibras

Perante um mundo que te sabe a historia! Tu, affeito á moral dos Tupinambos, Tens ampla consciencia, onde amizade, Onde amor, e outros vinculos sagrados São nomes vãos, phantasticos direitos;

Tu... mas lingua de bronze e voz de ferro Mal de teus vicios a expressão dariam. Indomito maloso, hardido ex-frade, E' contigo a razão qual é co'as ondas

Arte, saber de naufrago piloto: Serás qual és, morrerás qual vives. Prosegue em distrahir-me, em praguejar-me Porque Delio dos «prologos» te exclue

Pregoa, espalha em satyras em lojas
Que Zoilos não mereço e sê meu Zoilo;
Chama-me de Thesephone enteado
Porque eu fêmeo-belmirico fãsete
Não pinto os zelos, não descrevo a morte;
Erra versos, e versos sentençaia;
Condemna-me a cantar d'Ulina e de aunos,
Agrega o magro Elmano ao fulo Esbarra;
Ignora o «baquear» que é verbo antigo,
Dos Sousas, dos Arraes somente uzado;
Metonymias, synedoches dispensa;
Dá-me as pueris antitheses que odeio;
Faze (entre ensonias) um prodigio, faze
Qual anda o caranguejo, andar meus ver-
sos;

Suppõe-me entre barris, entre marujos
(D'alguns talvez teu sangue as veias honre!)
Mas não desmaies na carreira; avante,
Eia, ardor, coração, vaidade ao menos;
A's oitavas do «Gama» esconde embora,
N'isso nem perdes tu, nem perde o mundo,
Mas venha o mais, epistolos, sonetos,
Odes, canções, metamorphoses, tudo
Na frente põe teu nome e estou vingado!

FIM

O DIABO EM ACÇÃO

Militar em toda a acepção da palavra, fiel cumpridor dos deveres de disciplina, incapaz de qualquer acto menos justo, eu o conheci na sua figura erecta, de semblante austero, bigode e pêra bem talhados.

Os soldados do seu regimento respeitavam-no em extremo cumprindo cegamente as suas ordens.

O dia em que a escala de serviço annunciava este official, era para elles o dia inquieto, sombrio, não porque os tratasse mal mas por exigir o rigoroso cumprimento do regulamento de serviço.

Chegára porem o carnaval e, em uma scena das noites de folia, dois dominos pretos que só se distinguiam pelas fitas dos capuzes azul e carmezim d'um e d'outro, entravam n'um baile de mascaras realisado no theatro da terra.

Esse par descatava-se d'entre tantos pela sua constancia na dança em todos os generos; até o «ponha aqui o seu pesinho.»

Cançados, deliberaram ir ceiar e então dirigiram-se para um dos gabinetes do restaurant.

Sabeis, talvez até por experiencia propria, quão enorme é o supplicio a que nos sujeitam esses pedaços de panno ou cartão que nos occultam o rosto.

Alli tão sosinhos tão unidinhos, mergulhados naquella languida atmosphera de amor podiam muito bem tirar a mascara.

Sê tu primeiro, lhe disse ella, com uma voz que a elle pareceu desconhecida.

Porque não, se me escalda o rosto, disse o austero militar arrancando-a.

Acto continuo o dominó que o acompanhava levantou-se como que impellido por molla occulta deu um grito enorme e fugiu,

Surprehendido por tão inesperada resolução; o nosso militar sem perceber o motivo de tal proceder correu

em procura d'esse dominó com quem viera, que muito bem conhecia, que muito bem o conhecia a elle.

Baldado intento, não mais o tornou a ver.

Elle que nunca tivéra ido a um baile e que simplesmente agora o fizera porque a tanto o havia instado imenso o dominó que o acompanhára, retirou-se para casa pensativo, não podendo de modo algum comprehender a razão do que acontecera.

.....
.....
.....

O dominó era identico, a pessoa porem que o vestia não era a mesma que o acompanhara á entrada e que tanto com elle havia dançado. Essa fugira, notára o marido entre os *mirões* e este outro dominó que a viera substituir sem que o nosso apresentado jamais nos soubesse dizer como se déra tal substituição era quem?!

«O pratileiro da banda do seu regimento a quem ainda ha pouco elle disséra — «ponha aqui o seu pesinho, ponha aqui ao pé do meu e ao retirar do pesinho ai Jesus que lá vou eu» — e aguentava-o nos braços.

3 de janeiro 1008.

SIUL.

Sonho

Quando a neve que esparsa ao abandono
Cobrir nossa cabeça avelhantada
E tivermos chegado ao fim da estrada
Que ha de levar-nos da velhice ao throno;

Ou, quando um dia, filha, ao vir o Outomno
Passar gemendo a rigida nortada
E eu nunca mais te vir, pomba adorada,
E já dormir o derradeiro somno:

Al! quando, pelo tanto que esquecemos,
A morte, essa fatal Realidade,
Quizer que d'este amor nos separemos;

Has de lembrar, chorando, a mocidade
Em que, loucos de amor, nos conhecemos,
Descuidosos do que era a Eternidade.

VICTORINO SILVA

O CHRISTO NEGRO

Na antiga cathedral de rendas bysantinas
Os popes triumphaes erguem as faces glabras
Fallam á multidão . . . Ritos, abracadabras
D'uma exegese audaz das concepções divinas

Refulge a pedraria, as gemmas lindas, caras,
Espirram sol a flux! . . Passam pelos vitraes
Raios de luz diurna e as mitras, as thiaras,
Tein as lucilações das auroras austraes. . .

Dalmaticas de sêda em rutilos catharros
Flamejam pela nave ophirinos escarros,
Soluços a brilhar n'um clamoroso alegro. . .

Ao fundo n'um altar, n'um tragico sorriso
Febil em convulsões cráva o olhar inciso
Na multidão do Povo um Christo todo negro. . .

EDUARDO MÉTZNER.

O Amor

E' soffrer, é cantar, é ter ciumes,
E' a vida que despona n'um sorriso;
E' julgar ter demais, tendo o preciso,
E' carpir alegrias, rir queixumes;

E' aspirar da desdita os seus perfumes,
E' encontrar a dormir em brando riso
A mulher adorada — O paraíso —
E' depor-lhe na fronte um beijo implume;

Velar-lhe o casto somno com meiguice,
Consagrando a Morfeu todo o respeito,
Como se um anjo ou santa alli dormisse;

E' fazer do carinho um grande preito,
E' tudo quanto atraz, formosa, eu disse. . .
E' isto que em calor me abraza o peito!

(Inedito)

VICTORINO SILVA

Surdina

No ar socegado um sino canta,
Um sino cana no ar sombrio. . .
Pallida, Venus se levanta. . .
Que frio!

Um sino canta. O campanario
Longe, entre nevoas, apparece. . .
Sino, que cantas solitario,
Que quer dizer a tua prece?

Que frio! embaçam-se as collinas:
Chóra, correndo, a agua do rio;
E o céu se cobre de neblinas. . .
Que frio!

Ninguem. . . A estrada, ampla e silente,
Sem caminhantes, adormece. . .
Sino, que cantas docemente,
Que quer dizer a tua prece?

Que medo panico me aperta
O coração triste e vasio!
Que esperas mais, alma deserta?
Que frio!

Já tanto ame! Já soffri tanto!
Olhos, porque inda estaes molhados?
Porque é que choro, a ouvir-te o canto,
Sino que dobras a finados?

Trevas, cah! que o dia é morto!
Morre tambem, somno erradio!
—A morte é o ultimo conforto. . .
Que frio!

Pobres amores, sem destino,
Soltos ao vento, e dizimados!
Inda vos choro. . . E, como um sino,
Meu coração dobra a finados.

E com que magua o sino canta,
No ar socegado, no ar sombrio,
—Pallida, Venus se levanta. . .
Que frio!

OLAVO BILAC

(Poeta Brasileiro)

Extrahido do livro «Poesias» de Olavo Bilac.

CURIOSIDADES

Proverbios da India—Não te ligués com o mau:
Os tições queimam ou enegrecem.

O mau com sabedoria é uma vibora com a cabeça armada de pedras preciosas.

NO SUL D'AFRICA

NOTAS DA CAMPANHA DE 1907

PELO ALFÉRES

José Augusto de Mello Vieira

III

Ao amanhecer de 30 partiram, escoltando o primeiro comboio que devia reabastecer a columna de viveres e munições, o 12 d'infanteria, os dois esquadrões, um destacamento d'artilheria e alguns auxiliares boers e pretos. Com que anciedade louca esperámos os nossos camaradas, que receio immenso não tivémos fossem atacados no caminho, que linda e difficil não foi esta missão. Chegaram em 1 de Setembro os 32 carros que constituam o comboio e respectiva escolta. Que alegria immensa. Foram recebidos com manifestações de verdadeira admiração e jubilo. Receberam-se os primeiros telegrammas de felicitação pelo exito do primeiro combate, não só do Governo geral como das autoridades, commercio, etc.

Resolveu-se que no Aucongo se construísse um pósto, o primeiro d'uma rede que se planeava estabelecer, para o que as unidades entregaram os saccos que tinham e nomeou-se a respectiva guarnição — 15.^o indigena, 1.^o esquadrão de dragões, uma peça Hotkiss 7^{cm}. B. E. M, uma metralhadôra, em grupo d'auxiliares a cavallo, um enfermeiro; Commandante Capitão d'infanteria Lucinio Ribeiro.

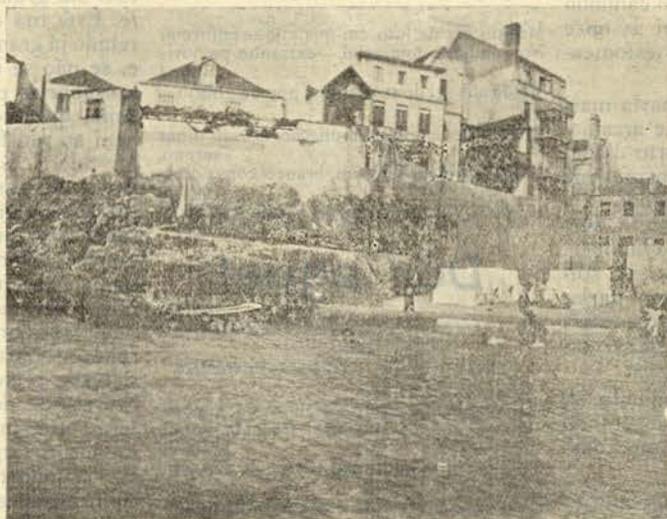
Até ao dia 2 tudo correu regularmente, não sem que no dia 31, tendo saído um pequeno destacamento da marinha, creio que buscar uns pretos mortos, fosse repellido pelo inimigo sendo necessario sairem em seu auxilio forças do quadrado, recolhendo com um morto a fracção da companhia de guerra, e sem que no mesmo dia, á hora da distribuição do rancho, os Cuamatas tentassem um ataque ao quadrado obrigando-nos a deixar a comida e correr rapido a guarnecer os parapeitos, repellido-os.

No dia 2 andava o gado pastando nas proximidades do quadrado quando, subito, pelas 3 e 45 da tarde, o ini-

migo atacou vivamente este, pretendendo apossar-se dos bois.

Nas cacimbas, a uns 50 metros do quadrado e na esquerda, estavam enchendo os cantis, bastantes soldados que rápidamente se safaram. O gado apertado pelo fogo do gentio corria a refugiar-se no entrincheiramento. Uns poucos de bois que ficaram fóra, marchou uma força a tomal'os, Companhia de guerra e uma peça Ehrardt, o que, devido principalmente ao arrojo d'um sargento amanuense do quartel geral — o Leite —, que debaixo do fogo ia tocando o gado, quasi se conseguia ficando no campo uns oito bois e tendo a artilheria feito sobre elles e os seus tomadores bons tiros de granada. O ataque agora dirigido sobre o posto

Portugal pittoresco



CASCAES — PRAIA DA RAINHA

Photographia do Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes

em construcção e já completamente envolvente torna-se intensissimo e prolonga-se com equal vivacidade durante trez longas horas e apesar de estarmos bem entrincheirados tivémos um europeu morto e trez indigenas feridos.

Foi n'esta acção que um marinheiro, praça da lancha «Cunéne» e da guarnição das metralhadoras, que fóra ferido gravemente n'uma mão e estava na ambulancia, fugiu do hospital e apossando-se de uma arma entrou na trincheira defendendo tambem o quadrado.

E como este simples episodio de valôr e dedicação quantos mais pela campanha fóra! São tantos quantos os soldados de terra e mar, pois que se algum, o que não creio, não teve um acto de valôr pessoal, ha-os que os têm de sobra para dar aos outros e ficar de pé a affirmação.

(Continúa)

CLARISSE

(Continuação)

II

— Mas, meu tio, objectou a minha desconhecida com voz crystallina e meiga que me fez estremecer, parece-me ter ouvido dizer que esse rapaz mostra ter muito talento . . .

— E então? Onde o levaria o seu talento? tornou o velho com azedume, a morrer no hospital.

— Assegura-se, porem, disse a menina vestida côr de roza com ar desdenhoso, que os artistas de hoje não são miseraveis e que, longe de viverem em mansardas passam principescamente . . .

— Ah! ah! ei-las todos com as cabeças cheias de idéas romanticas! exclamou o velho encolerisado. Digo-lhes eu que esses artistas são a chaga do nosso tempo, que teem principios e procedimento deploraveis e subsersivos da moral. Muito felizes somos nós quando ficam em Paris, tão digno d'elles, e não vem lançar a perturbação em as nossas familias com as suas phrases de romance e figuras de tragedia.

— Tens medo, Clarisse? disse rindo a menina do vestido côr de roza dirigindo-se á sua companheira.

— Oh! eu nada receio, respondeu esta com triste sorriso em que julguei ver reaparecerem os vestigios da dor tão rapidamente comprimida.

— Vamos jantar! concluiu philosophicamente o inimigo dos artistas ouvindo tocar a sineta na direcção da casa.

E todos se affastaram dando-me finalmente a liberdade de deixar o meu observatorio.

— Clarisse! dizia comigo seguindo o muro do parque junto do qual me retinha uma especie de iman. Chama-se Clarisse! Que encantador nome e como fica bem áquella adoravel creança. Mas porque diabo embirra tanto com os artistas aquelle burquez? Era de mim que fallava? . . . Pareceu-me. E no entanto não conheço nenhum d'estes habitantes de Quimper. . . Ella chama-se Clarisse! Mas porque chorava tanto? O motivo da sua dor é então um segredo? . . . Será d'amor? . . .

Esta ultima supposição era para

mim muito mais desagradavel do que qualquer outra. Parecia que me tirava o amor que concedia a outro. Era louco, sem duvida, e não vi quando deixaria de procurar um meio de resolver este problema insolúvel, se a ultima palavra da conversação que acabava de surprehender não me chamasse á realidade.

— Vamos jantar! Tinha dito o honesto burguez. Isto recordava-me que não comia desde pela manhã e, invadindo-me a prosa cada vez mais comecei a ter saudades do vinho que o major me havia recommen-

dado. Comecei a procurar onde matar a fome para em seguida voltar para o Eden em que respirava a minha Eva. Mas, ou porque seguisse a direcção opposta ás habitações, ou porque não as houvesse por alli, nada pude descobrir. A noiteceu durante o meu passeio infructifero e dei-me por feliz em encontrar finalmente um camponez que me indicou o caminho de Quimper onde cheguei ás onze horas da noite cansado e esfomeado.

O major tinha voltado havia mais d'uma hora. Emquanto me arranjavam a ceia entrei no quarto d'elle, despertando em sobresalto mal me reconheceu e, quando impellido pela minha idéa fixa me aventurei a perguntar-lhe se conhecia, em Quimper, uma menina chamada Clarisse, soltou uma exclamação pouco parlamentar sem duvida, mas de energia tal que não me deixou nenhuma esperança de o amenisar depois.

Passei a noite muito agitado. A imagem d'aquella menina, chorando sob as arvores, apparecia-me constantemente.

Mal conseguira dormir, quando ao amanhecer o creado do hotel foi acordar-me dizendo que a carruagem estava prompta e só esperava por mim.

— Vesti-me á pressa e desci com a firme tenção de dizer ao major que havia mudado de idéas e não poderia ser seu companheiro de viagem.

O major estava já no seu lugar. Fui até a portinhola e tinha já pronunciado as primeiras palavras do discurso, quando uma graciosa cabeça de mulher se mostrou um pouco, ao ouvir a minha voz, no fundo do coupé. Fiquei com a bocca aberta, olhos espavoridos e o pé no ar, perguntando a mim proprio se ainda sonhava. Mas o cocheiro impaciente empurrou-me, fechou a portinhola e partimos.

A carruagem poz-se em movimento, achando-me sentado ao lado da minha bella lacrimosa da vespera, Clarisse de Gavre.

TRADUÇÃO.

(Continúa.)

Rubra Digitalis

Gerard de Nerval

Qui sait si le noir plumage de l'oiseau, son cri funebre, le nom patibulaire de la rue, l'aspect epouvantable du lieu, ne parurent pas à cet esprit depuis si longtemps en proie au rêve, former des concordances cabalistiques et déterminantes, et si, sans d'opre s'illement de la brise d'hiver il ne crut pas entendre une voix chuchoter: C'est là!...

Th. Gautier — GERARD DE NERVAL.

O corvo que rasgou o peito de Nerval
E esphacelou a Põe o craneo neurasthenico
Tinha o riso suez sardonico do Mal
E no olhar a expressão fulminante do arse-nico!

O corvo que rasgou o peito de Nerval
Com o gesto viril de um gigante titanico,
Tinha aquella ulular da Locusta infernal
Ao preparar a sós um toxico satanico!

Mas no dia de luto em que elle se enforcou
No candieiro immortal — extranho pelourinho!
vinda não sei de aonde uma pomba poisou...

E deu-lhe a extrema-uncção do seu olhar sereno,
N'um martyrio sem fim, branco como o arminho,
Como a Virgem Maria aos pés do Nazareno.

Dôr equal

...ai, como se casava com
minha dôr a dôr d'aquella im-
gen!

(ANTHEIRO DE QUENTAL)

Aquella minha amante deshonesto, impura,
Que eu um dia encontrei transida, a uma
esquina,
Tem no profundo olhar o stygma da amargura
E no sangue já pôdre o ardor de Messalina.

E quando a encontrei n'essa viella escura,
Descalça, esfomeada, em sua triste sina,
(Em que havia perdido o desejo e a ventura)
Quiz ainda enlaçar sua cintura fina!

Tão linda e desgraçada!... E tive esta lem-brança
Que sempre me tortura e que me ha de matar:
— «Se eu com ella esquecesse a mais gentil
Creança»...

Mas quando lhe beijava a apodrecida bocca,
Ella diz-me na voz de tysica, já rouca:
— «Eram assim os beijos que Elle me vi-
nha dar»...

Lisboa — 1908

ASTRIGILDO CHAVES

Cumulos

Do resguardo — Beber vinho abafado

Pôr dentadura na bocca do inferno

Fazer frente á menina do olho

Ver estréllas no ceu da bocca

BORDADOS E RENDAS



FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — M.^{lle} Maria de F. S.

Apesar de todas as virtudes que enaltecem a sua bella alma, V.^a Ex.^a tem um grande defeito: é imprudente. Esta má qualidade tem-lhe acarretado já grande numero de desgostos e, se não se emenda sofrerá grandes sensaborias por causa dêsse defeito-zinho que, no entanto, quadra tão bem ao seu feito fisico: recomendo a M.^{lle} de F. S. que não descure os cuidados da mais elemental higiene; são-lhe absolutamente necessarios. Hade sabêr tirar partido das suas relações sociaes; assim o diz a sua astralidade, que é a de Jupier. Este planeta imprime claramente no seu caracter três qualidades principaes: a justiça, o direito, a honra, mas, a confluencia de Saturno prejudica-a por outro lado. Sofrerá de doença lenta que pouco a fará sofrêr mas que lhe mina a pouco e pouco o organismo. O que lhe vale é a influencia benefica de Jupier contrabalancando o funesto influxo do planêta das aneis.

E' necessario têr muito cuidado com a sua saude. Não se atire aos divertimentos como um urso a um sacco d'amendoas.

Consulente: — M.^{lle} Mary E. A.
Acontece a M.^{lle} E. A. sêr tão imprudente como a sr.^a cuja consulta antecede a de V.^a: Ex.^a é imprudente, é mêsmo muito imprudente.

E' bella, amavel, de coração terno e duma simplicidade adoravel?

Adora as bellas artes e especialmente o desenho e a musica. Descura a parte material da vida, deixa correr os negocios á revelia. Zanga-se facilmente mas passa-lhe rapidamente a excitação. Como é um nadinha vaidosa, gostará de prestar serviços e de proteger, por vaidade. Nas relações sociaes será correctissima mas um pouco timida. Fundamentalmente será fina, historista, divertindo-se á custa da ingenuidade alheia.

Dar-se-hão casos, se não graves, pêlo mênos sérios durante a sua vida; nestas ocasiões oiça com atenção os conselhos de sua familia.

Hade têr um proximo parente que morrerá tragicamente.

Um de seus irmãos, se os tiver, ha-de ser imensamente feliz.

Casará V.^a Ex.^a duas vezes. Amará o seu segundo marido mais de que o primeiro.

M.^{lle} Mary tem aptidões para tudo.

Ha no organismo de V.^a Ex.^a grande tendencia á neurastenia: combata este terrível mórbo por todos os modos e feitos.

Morrerá velha; nem rica nem pobre.



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da pele, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquerda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da pele, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feito do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pele.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencia, para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vezes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.



Theatro de D. Maria II — «A Mascara», peça em 4 actos, de Affonso Gayo.

De pouco espaço dispomos por isso a largo traço faremos a apreciação do terceiro original portuguez levado á scena, em 30 de janeiro ultimo, no Theatro de D. Maria.

A Mascara, com quanto seja um trabalho sincero e de intuitos, mostra-nos claramente falta de technica, pouca clareza na exposição e desenvolvimento do thema, mau desenho da maioria dos caracteres, e uma linguagem rebuscada, nada natural.

Dos quatro actos, os quaes enfermam pelas scenas a dois, o melhor é o 3.^o, já pelo vigor do dialogo, já pela maneira como é tratada a acção, sendo o primeiro e quarto actos quanto a nós, peor cuidados, inferiores.

Apesar de tudo, repetimos, é uma peça que sae da binalidade, revela ideias e um desejo intenso de acertar e que por estas qualidades, não merece ser votada ao abandono.

No desempenho destaca-se em primeiro logar:

Luiz Pinto, que nos deu um esplendido Daniel; segue-se-lhe Ferreira da Silva, pela intenção e sobriedade, com que nos apresentou o intrigante Forjáz; Maia pela altivez que imprimiu ao João Caminha, Palmira Torres pela fertilidade e maldade que mostrou na banal e maldosa Magdalena; Anna Pereira, bem como os restantes interpretes, á excepção de Adelina de quem adeante fallamos, fizeram o possível para dar relevo ás mal vincadas figuras que tiveram de incarnar.

Quanto a Adelina Abranches, julgamos não a offender nem tão pouco amesquinhar o seu muito talento dizendo-lhe que nos parece ter errado por completo a interpretação da bondosa Suzana; visto como errar é proprio do genero humano.

Vamos tentar proval-o:

A tuberculosa que o auctor traçou e que sabe perfeitamente ter sido espoliada dos seus haveres pelo tio e por consequente não viver n'aquella casa por esmola, devia mostrar-se uma figura nobre, vestindo com gosto, enfeitando-se, tornando-se aos nossos olhos, simpatica, superior, muito superior para haver flagrante contraste com a futilidade, soberba, mesquinhez e melevolença da sua faina. Não viu Adelina por este lado o papel e o resultado foi, apresentarnos uma tuberculosa chorôna, abandonada, lamentando-se por todos os cantos, dando-nos assim de quando em vez, bocados da Rosa Engeitada e da Cruz da Esmola, peças que o seu peregrino talento deu intenso brilho.

Perdôe-nos a estudiosa artista, mas foi esta a impressão que nos deixou o seu trabalho e, sinceramente, lh'o dizemos.

E lá estivemos na geral.

A nossa apreciação do Raffles

A' nova carta de Ignorante, cheia de delicadeza que muito nos captiva, pouco temos que dizer. Continuamos sustentando que a rubrica do Raffles é esplendida por que faz arte e o erro de ensenação no José do Egipto é flagrante, porque vae collocar uma personagem com um dos braços sobre um objecto que essa mesma personagem deixou esquecida sobre um movel.

Provamos que no Raffles o policia não podia estar em qualquer outro ponto da scena, nem á E. B. porque nada lhe interessa o conteúdo do cofre.

Argumenta Ignorante acerca da creada: A escada é o unico ponto de observação que lhe convem, e do qual se serviu. Para uma esparta, sabida e pratica, é quanto basta. Para nós achamos insufficientissimo, pois estamos certos de que toda a gente quando quer conhecer qual'quer pessoa lhe procura ver a cara e não as costas, o que n'este caso succederia, estando o policia no 1.^o plano.

A passagem não pode acarretar o epitheto de estúpida com que Ignorante mimoscia a creada, porque, ao contrario do que nos diz: sendo o policia a unica pessoa desconhecida na casa, basta-lhe isso para se ocautelar d'elle, ha ainda alli dentro o seu ajudante (Senna). Querix então V.^a Ex.^a quea creada no meio da escuridão (as luzes estão apagadas na occasião do roubo) se detendesse d'uma pessoa que apenas conhecia pelas costas?! Pois Ex.^{mo} Sr. se n'este momento lhe não distinguir a brançura da cara, tambem para nada lhe serve o conhecimento das costas, que ella decerto não pode ver, em virtude da cor do fato e de estarem viradas para um lado com que ninguém costuma espreitar a outrem.

O que alli está mal, e que V.^a Ex.^a ainda não disse, é o cofre: ninguém colloca um cofre onde guarda as joias, á porta d'um quintal, n'isto que não é muito natural achamos nós o erro do auctor. O cofre collocado n'outro sitio teria arranjado tudo — não lhe parece?

Quanto aos pretextos do auctor, como V.^a Ex.^a cita, podia effectivamente ter arranjado muitos e, o melhor de todos, era não ter escripto o Raffles.

A nossa opinião foi exposta e defendida; V.^a Ex.^a não concorda com ella e está no seu plenissimo direito: é uma questão de lana caprina, á qual não voltaremos.

Renovamos os nossos agradecimentos pela maneira cavalheiresca com que Ignorante se nos dirigiu e esperamos continuar-lhe a merecer a sua honrosa leitura.

ROMANOL.

Semana Alegre

— Conheces a differença entre um frango e uma gallinha, já velha?

— Conheço, sim.

— Como?

— Pelos dentes.

— Mas as gallinhas não tem dentes.

— Bem sei, mas tenho eu!

VARIEDADES

Vol-au-vent de camarão—Prepara-se a massa folhada d'este modo:

Deitem-se 500 gr. de ferinha sobre uma mesa bem lavada e juntam-se-lhe 10 ovos e 150 gr. de manteiga.

Amasse-se tudo com umas gottas d'agua, até á consistencia do pão, e deixe-se tudo em repouso durante 15 minutos. Enche-se depois com camarão de fricassé bem envolvido por uns pequenos bocados de massa previamente cortados.

Leve-se ao forno e á frejeadeira.

**QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?**

**O CONCURSO DA 2.ª SERIE
Premio-UM TINTEIRO DE PRATA**

Condições do Concurso

1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 2.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
2.ª—Enviar-nos, no intervalo de dois numeros a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.
As decifrações podem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

DOIS NOVOS PREMIOS

Em virtude do grande numero de decifradores resolvemos conceder como premios alem do **Tinteiro de prata, as duas 1.ª Series do Azulejos-encadernadas em percalina e uma assignatura gratis da 3.ª Serie**, que serão entregues aos dois decifradores que ficarem classificados em 2.º e 3.º logares.

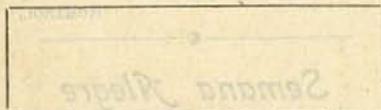
Decifrações do numero antecedente

Azaroleiro—Mangabeira—Desprezo—Tordoveio—Vigil—Decoro, decora—Cunho, punho—Sabbas—Cacem—O bom coração sofre e o bom siço ouve—Palavra e pedrada solta não volta—Dodó—Ilota.

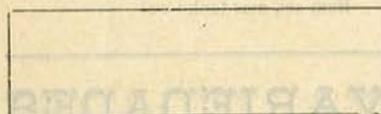
Logogriphos

Rapidos

Sóro 1, 2, 3, 4, 5, 6
Animaes 7, 8, 9, 10
Amarellado
LITRAS



Vasilha 1, 2, 3, 4, 5
Magoa 6, 7, 8
Trincho
TIRA MITRAS & C.ª



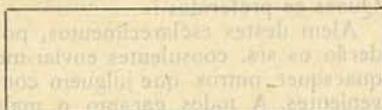
Charadas

Andava triste, caçado,
Um tanto ou quanto doente,
Agora estou satisfeito,
Vivo, alegre e mui contente.— 3

Porqué olhando para o braço
Vejo que está sem lesão,
N'esta parte do meu corpo
Que fica junto da mão.— 2

Que sou fructo dizem todos
Não ser nada duvidoso;
E eu tambem me convengo
Se affirmam ser escamoso.

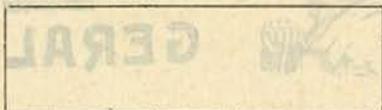
J. .P



Novissimas

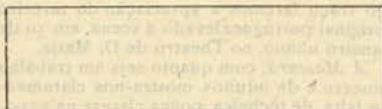
Nas saias e nos moinhos está o universo-1-1.

PINGOLINHAS



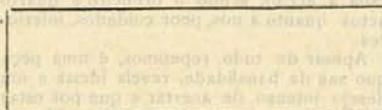
Este castigo faz pena á alma-2-1.

AÇNAREPSE



No coração da minha prima encontrei esta embarcação-1-2.

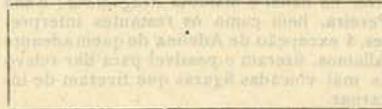
(J. L. C.) SADO



Addicionada

Peixe-2
—a—
Nos pandeiros-3.

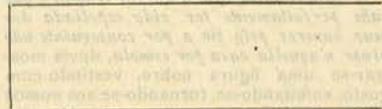
J. P.



Truncada

A incuria da sciencia-6.

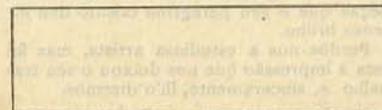
SANTOS.



Transposta

Vi dilacerar um homem com as unhas-2.

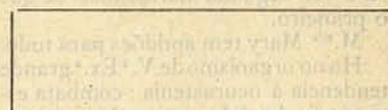
F. DA M.



Syncopada

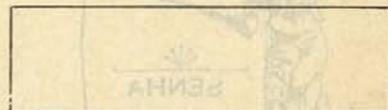
3-Por debaixo-2.

OLLISSIPOS.



N'esta cidade anda muito em voga esta cantiga-2.

APOLLO.

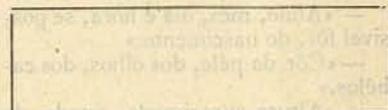


Enygmas

Por iniciaes

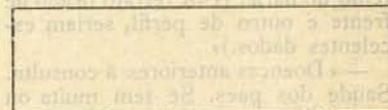
M V T Q N
I 2 2 I 2

ISAURA



DDSEO A
3 I 2 2 I I

J. P.

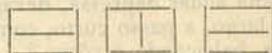
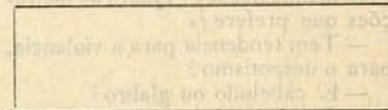


De palitos



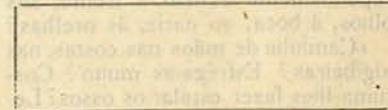
Tirando 10 palitos fica uma cicatriz.

J. .P



Tirando 9 palitos fica madeira.

J. P.



Artigos a decifrar, 15

ATTENÇÃO

Vamos iniciar no **Azulejos** uma secção de annuncios de compra e venda de gado cavallar e muar, inteiramente nova no paiz e que nos parece de toda a vantagem para o Sport Hyppico.

O vendedor virá a esta redacção, onde por modico preço, obterá uma senha que lhe dá direito a quatro annuncios e a apresentar-se no picadeiro do Ex.^{mo} Sr. João Gagliardi, R. D. Pedro V, 70, afim de lhe ser resenhado o respectivo cavallo, resenha que será publicada e pela qual o comprador saberá a altura, ferro, cor, raça e mais condicções do animal á venda.

Este jornal não recebe commissão alguma de venda ou compra.

Julgamos por esta forma preencher uma lacuna que pode ser util, visto como sómente pelo annuncio o comprador ficará sabendo se o animal á venda satisfaz aos requisitos que deseja.

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

ELVIRA

MAZURKA

Paul C. Nunes

INTRODUÇÃO

p *mf*

Mazurka

p

f *coda* *p*
D.C. al Fine

ff *p* *f*

pp *f* *f*
B

Coda
Coda

NO PROXIMO NUMERO:
DEVANEIOS - VALSA POR D. MARIA DO CEO BEÇA